



Seminário Teológico
Batista do Sul do Brasil

Faculdade Batista
do Rio de Janeiro

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL
BACHAREL EM TEOLOGIA

RAFAEL ANTUNES MARINI

**SER BATISTA: A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NO SÉCULO XVII
AS ORIGENS NO SEPARATISMO INGLÊS E RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA.**

Rio de Janeiro,

2025

Rafael Antunes Marini

**SER BATISTA: A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NO SÉCULO XVII
AS ORIGENS NO SEPARATISMO INGLÊS E RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA.**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Teologia da Faculdade Batista do Rio
de Janeiro - Seminário Batista do Sul do Brasil,
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. M.e Pr. Ramon Oliveira

Rio de Janeiro,

2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família e namorada, que sempre acreditaram na minha vocação e caminharam comigo com amor e fidelidade; e àqueles que enxergaram em mim um chamado, mesmo quando eu o questionava. Que esta obra seja expressão do incentivo que recebi, da história que me formou e da identidade que escolhi honrar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que pela sua graça me confiou o ministério e sustentou cada passo da minha caminhada. Nada do que realizo teria sentido sem a certeza da sua presença e direção ao longo de toda a minha formação.

Aos meus pais, irmãos e avó, que me acompanharam desde o início do curso, celebrando comigo cada avanço e sendo apoio constante nas horas de cansaço e incerteza.

À minha namorada Esther, que esteve ao meu lado em todo o período de escrita deste trabalho com compreensão e paciência, que foram essenciais para eu seguir firme até o fim.

Aos meus amigos e primos que acompanharam toda a minha caminhada no seminário, deixando os dias mais leves com sua amizade e resenhas.

À Primeira Igreja Batista em Casimiro de Abreu e à Juventude Mais, que tantas vezes compreenderam minha ausência e ainda assim permaneceram com orações, suporte e incentivo.

Registro minha homenagem ao meu tio Edgard Barreto Antunes(in memoriam), que me levou pessoalmente ao seminário para me registrar como seu seminarista, gesto decisivo, que guardo com grande afeto e à querida tia Márcia, verdadeira mãe na fé, deixo meu reconhecimento pela sua presença cuidadosa e suas orações constantes.

Ao tio Edvaldo e à tia Créliam, agradeço pelo apoio e pelas bênçãos que me acompanharam durante este período de estudos.

Ao Pr. e tio Rafael Antunes e à tia Rosimar, que me acompanharam com carinho, conselho e apoio espiritual.

Ao Pr. Artur Coelho, registro minha gratidão pelo incentivo, pelas palavras sábias e pela inspiração que seu ministério representa em minha vida.

Estendo meus agradecimentos aos professores do Seminário Batista do Sul do Brasil e a todos que, de alguma forma, contribuíram para que esta etapa fosse concluída, com êxito.

“A vida só se compreende mediante um retorno ao passado, mas só se vive para diante.”

(Søren Kierkegaard)

SER BATISTA: A Formação De Uma Identidade No Século XVII

As Origens No Separatismo Inglês E Relevância Contemporânea.

Rafael Antunes Marini¹
Me. Pr. Ramon Oliveira²

RESUMO

Este trabalho investiga as origens históricas e teológicas do movimento Batista, examinando como o contexto do separatismo inglês do século XVII contribuiu para a formação de sua identidade denominacional. A pesquisa parte da constatação de que muitos membros de igrejas Batistas desconhecem sua própria herança histórica e doutrinária, o que fragiliza a compreensão de princípios fundamentais que moldam essa tradição até os dias atuais. A partir da análise do ambiente religioso da Inglaterra pós-Reforma, marcado por tensões entre anglicanos, puritanos e grupos dissidentes, evidencia-se como a busca por pureza doutrinária e liberdade de consciência abriu caminho para o surgimento das primeiras comunidades Batistas, especialmente por meio de líderes como John Smyth e Thomas Helwys. O estudo também aborda o desenvolvimento do movimento na Europa e na América. Além disso, apresenta como a identidade Batista se expressa por meio de suas confissões de fé e práticas eclesiológicas, demonstrando continuidade doutrinária e compromisso histórico com a autoridade das Escrituras. Conclui-se que revisitar essa trajetória fortalece a identidade Batista contemporânea, oferecendo bases sólidas para uma vivência eclesial consciente, coerente e enraizada em sua herança histórica.

Palavras-chave: Batistas. Separatismo inglês. Identidade. Liberdade religiosa. História da Igreja.

ABSTRACT

This study investigates the historical and theological origins of the Baptist movement, examining how the context of seventeenth-century English Separatism contributed to the formation of its denominational identity. The research begins with the observation that many members of Baptist churches are unaware of their own historical and doctrinal heritage, which weakens their understanding of the fundamental principles that shape this tradition to this day. Through an analysis of the religious environment of post-Reformation England, marked by tensions between Anglicans, Puritans, and dissenting groups, it becomes evident how the pursuit of doctrinal purity and freedom of conscience paved the way for the emergence of the first Baptist communities, especially through leaders such as John Smyth and Thomas Helwys. The study also addresses the development of the movement in Europe and America. In addition, it presents how Baptist identity is expressed through its confessions of faith and ecclesiological practices, demonstrating doctrinal continuity and a historical commitment to the authority of Scripture. The conclusion is that revisiting this trajectory strengthens contemporary Baptist identity, offering a solid foundation for a conscious, coherent, and historically rooted ecclesial life.

Keywords: Baptists. English Separatism. Identity. Religious freedom. Church History.

¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro

² Mestre

1. INTRODUÇÃO

O interesse em estudar a origem histórica e teológica do movimento Batista nasceu quando percebi uma carência identitária entre muitos Batistas que conheço. Por vezes, encontro irmãos e irmãs membros de igrejas Batistas, que não têm conhecimento de suas origens, fundamentos e particularidades, que distinguem nossa denominação das demais tradições cristãs. Essa constatação despertou em mim o desejo de trazer uma pesquisa nesse campo, com o intuito de, de forma clara e acessível, trazer aos Batistas atuais uma parte essencial da nossa história, a formação da nossa identidade.

Por ser criado em um lar Batista esse amor foi sendo construído no decorrer de anos. Sou Embaixador do Rei, projeto que me aproximou da história Batista desde cedo e despertou em mim um interesse especial por essa herança de fé. Entretanto, ao longo dos anos de estudo no seminário, percebi que grande parte da literatura existente sobre o tema é extensa, acadêmica e, por vezes, de difícil acesso para comunicar à membresia das igrejas. Essa distância entre a pesquisa histórica e a realidade vivida nas comunidades cristãs reforçou o meu desejo em elaborar um trabalho que fosse, ao mesmo tempo, fiel ao rigor acadêmico e acessível para aqueles que desejam conhecer sua própria história.

Conhecer as origens dos Batistas no contexto do separatismo inglês do século XVII não é só um exercício de memória, mas também uma forma de fortalecer a convicção daquilo que somos e defendemos. Resgatar a trajetória do surgimento dos grupos Batistas, seus líderes, práticas e fundamentos, significa compreender os pilares como a autonomia da igreja local, a liberdade religiosa e o batismo de crentes, coisas que continuam a moldar nossa identidade até os dias atuais.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o processo histórico e teológico que conduziu desde o separatismo inglês até surgimento do movimento batista, evidenciando os caminhos que moldaram sua identidade inicial. E para isso é necessário examinar o ambiente religioso, político e social da Inglaterra pós-Reforma, marcado por tensões entre o anglicanismo, as demandas puritanas pela pureza doutrinária e litúrgica e o surgimento dos grupos dissidentes que buscavam liberdade para suas convicções. A partir

desse contexto, será possível compreender como a ruptura com a Igreja Anglicana e o ideal puritano criaram terreno fértil para o surgimento dos primeiros Batistas.

A pesquisa também procura identificar os principais líderes e acontecimentos que marcaram essa formação inicial, ressaltando elementos teológicos e práticos definidores, como o batismo de crentes, a autonomia da igreja local, a liberdade religiosa e o compromisso com a autoridade das Escrituras. Relacionar esses fundamentos às práticas das igrejas Batistas contemporâneas permitirá ao leitor compreender a relevância permanente desses princípios na construção da identidade denominacional.

A partir dessas percepções, a pergunta que orienta o presente trabalho é:

Em que medida o contexto histórico do separatismo inglês contribuiu para a formação da identidade Batista, e como essa compreensão pode auxiliar os Batistas de hoje a reconhecer e valorizar sua própria tradição?

Assim, esta pesquisa não se limita a um levantamento histórico, mas busca ser uma ponte entre passado e presente, contribuindo para que a membresia leiga das igrejas Batistas atuais possam compreender um pouco da sua herança, valorizar sua identidade e viver com convicção os princípios que marcaram sua origem.

2. O CENÁRIO EUROPEU PÓS-REFORMA

O século XVI foi palco de uma das maiores rupturas da história cristã: a Reforma Protestante. Até então, a cristandade europeia encontrava-se sob o domínio da Igreja Católica Romana, que, além da autoridade espiritual, exercia poder político e cultural sobre todo o continente. Contudo, os abusos, a corrupção e a venda de indulgências despertaram diversas críticas. O marco simbólico desse processo ocorreu em 1517, quando Martinho Lutero publicou suas 95 teses contra essas práticas da Igreja, dando início a um movimento de alcance continental. As idéias reformadas tiveram um impacto imediato. Lutero destacava a justificação pela fé e a centralidade da Escritura, rompendo com o sistema sacramental da igreja católica. Já em Zurique, Ulrico Zwinglio, fez da Reforma uma quebra ainda mais radical rompendo com tradições não Bíblicas e defendendo a simplicidade do culto. Já João Calvino, em Genebra, criou um corpo teológico robusto, enfatizando a soberania de Deus e a disciplina.

Essas correntes da reforma não só moldaram identidades teológicas, mas também repercutiram diretamente no campo político. Na Alemanha, príncipes adotaram o luteranismo

como forma de autonomia frente a Roma. Em Genebra, na Suíça, Calvino tornou-se um modelo de organização protestante. Porém, na Inglaterra, a Reforma assumiria características peculiares, mais vinculadas a interesses políticos do que a convicções espirituais.

Em 1534, Henrique VIII rompeu com Roma, decretando-se cabeça da Igreja da Inglaterra por meio do Ato de Supremacia, que era o conjunto de leis aprovadas pelo Parlamento inglês no século XVI que estabeleceu o monarca inglês como chefe supremo da Igreja da Inglaterra. O historiador Christopher Hill observa que a ruptura foi “menos uma reforma de caráter teológico e mais uma reconfiguração de poder político”³. Vemos isso pela continuidade das liturgias, hierarquias e símbolos provenientes do catolicismo, o que produziu grande insatisfação entre os grupos que esperavam uma reforma mais próxima dos ideais de Lutero e Calvino.

Essa “Reforma pela metade”⁴, como chama Leon McBeth, foi o ponto crucial para que, nas décadas seguintes, surgissem grupos que tentavam purificar a Igreja Anglicana de elementos considerados antibíblicos. Os chamados Puritanos, palavra que deriva do latim *puritas*, que significa “pureza”, se frustraram com a dificuldade de reformar teologicamente a Igreja estatal e então passaram a se organizar em comunidades autônomas, inaugurando o movimento separatista que abriria caminho para os Batistas.

2.1 O anglicanismo

Vamos juntos entender melhor como ocorreu essa história. Como dito antes, ao contrário das reformas na Alemanha, Suíça e demais países no continente, que foram motivadas por questões teológicas, a reforma inglesa surgiu principalmente como uma crise dinástica (relativo à dinastia real) e política. Em 1534, Henrique VIII rompeu com Roma não por controvérsias doutrinárias significativas, mas em razão da negativa do Papa em permitir a anulação de seu casamento com Catarina de Aragão, que não lhe deu um herdeiro homem para o trono. O Ato de Supremacia, aprovado pelo Parlamento inglês, então declara Henrique VIII como único chefe supremo da Igreja da Inglaterra, transferindo para a coroa a autoridade espiritual e administrativa até então vinculada ao papado.

³ (HILL, 1983, p. 55)

⁴ (1987, p. 32)

Esse ponto inicial já mostrava uma característica decisiva, a Igreja da Inglaterra nasceu não de um movimento popular de oposição religiosa, mas de um interesse pessoal do rei. Tratava-se de uma “reforma de gabinete”⁵ como ressaltava John Bossy, promovida de cima para baixo, e que preservava a parte das estruturas, rituais e símbolos herdados do catolicismo medieval, pois não era algo que atrapalhava os planos do rei.

Com a morte de Henrique VIII, o anglicanismo viveu diversas oscilações. Durante o reinado de Eduardo VI (1547–1553), pôde-se observar influência protestante, com a introdução do *Book of Common Prayer* (Livro de Oração Comum), de Thomas Cranmer, que trazia elementos doutrinários próximos ao luteranismo e ao calvinismo. Contudo, no período do reinado de Maria Tudor (1553–1558), houve tentativa de restauração do catolicismo, marcada por perseguições e martírios de líderes reformados. Finalmente, com Elizabeth I (1558–1603), consolidou-se um meio intermediário, conhecido como Via Média, que buscava manter a unidade nacional por meio de um equilíbrio entre tradições católicas e princípios protestantes.

A Via Média foi se tornando ao mesmo tempo uma força e uma fragilidade. Por um lado, permitiu estabilidade política e religiosa, evitando rupturas violentas como as que aconteceram em outros contextos europeus. Porém ela também gerou insatisfação profunda entre os religiosos que viam nesse dito equilíbrio uma omissão espiritual. Para muitos, o anglicanismo era apenas uma Roma domesticada, que mantinha bispos, vestimentas clericais e ritos considerados antibíblicos. Christopher Hill escreve que “o anglicanismo de Elizabeth foi antes uma solução de compromisso político do que uma convicção espiritual”⁶

Fica claro que a Reforma inglesa não foi apenas uma questão de fé, mas também de poder. Isso ajuda a explicar por que muitos crentes sinceros não se contentaram com a conveniência política e buscaram viver a fé de maneira mais coerente com o Novo Testamento.

Por conta disso é notória a diferença entre os conformistas, que concordavam com a igreja anglicana como estava, e os puritanos que queriam a mudança teológica inspirada nos modelos do continente, buscando por uma Igreja mais simples, centrada na pregação e na salvação por meio apenas de Cristo.

⁵ (1990, p. 215)

⁶ (HILL, 1983, p. 61).

Esse clima tenso entre a “igreja oficial” e o desejo de mudança espiritual lançou a base para o separatismo inglês. Os cristãos que já estavam cansados da impossibilidade de reformar o sistema por dentro, e por isso, decidiram romper com a Igreja Anglicana e assim passaram a formar congregações independentes. Esse gesto não representou só um ato de rebeldia, mas a busca por uma eclesiologia⁷ coerente com os ideais do Novo Testamento.

Assim, o anglicanismo, que nasceu de uma crise política, virou motivo de profundas tensões teológicas e espirituais. O falso equilíbrio da via média não foi capaz de conter o desejo de grupos que buscavam por uma igreja mais pura e bíblica.

2.2 A ruptura e os separatistas Puritanos

Depois do impacto causado pelas reformas protestantes iniciadas por Lutero, Calvino e Zwinglio, o continente se fragmentou em múltiplas expressões de fé que disputavam espaço e legitimidade. Na Inglaterra, a ruptura promovida por Henrique VIII, que formou a Igreja Anglicana, não encerrou as crises religiosas, apenas mudou seus rumos. O anglicanismo, idealizado como uma média entre o catolicismo e o protestantismo continental, conservou elementos litúrgicos e hierárquicos que desagradaram muitos que desejavam uma igreja mais pura, centrada nas Escrituras e livre do controle estatal.

Desse descontentamento surgiram os puritanos, que buscavam reformar a Igreja da Inglaterra, com a visão continental da Reforma, partindo de dentro da própria igreja. Contudo, a resistência das autoridades eclesiásticas e do Estado levou parte desse grupo a romper definitivamente com a instituição, o que deu origem ao movimento separatista inglês, os chamados Puritanos. Para eles, a obediência à Palavra de Deus deveria prevalecer sobre qualquer imposição humana. Como afirmam John Coffey e Paul Lim, o separatismo foi “a resposta radical de cristãos convictos que não podiam mais submeter sua consciência às imposições de uma igreja estatal”⁸. O centro dessa convicção era a crença de que Cristo é o único cabeça da Igreja, e que nenhuma autoridade humana poderia mediar a relação entre o crente e as Escrituras.

⁷ ramo da teologia cristã que estuda a Igreja, abordando sua origem, propósito, estrutura, doutrinas, história e relação com o mundo.

⁸ Coffey, John; Lim, Paul C. H. (eds.). *The Cambridge Companion to Puritanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. ISBN 978-0-521-86088-8 (hardback) / 978-0-521-67800-1 (paperback).

Esse novo entendimento de fé gerou comunidades independentes, autônomas e profundamente comprometidas com a pureza doutrinária e moral. Robert Torbet escreve que o separatismo nasceu da “tensão entre o ideal de uma igreja pura e a realidade de uma igreja nacional politicamente controlada”⁹. A “pureza” buscada não era só no âmbito institucional, mas também espiritual, pois se tratava de formar igrejas compostas por crentes regenerados, unidos por uma profissão de fé pessoal e voluntária. A partir desse ideal, surgiram os primeiros modelos de igrejas congregacionais, guiadas pela autoridade das Escrituras, pela eleição local de líderes e pela eclesiologia independente.

2.3 A ruptura e os demais separatistas

Os principais nomes desse movimento separatista são, Robert Browne, Henry Barrow e John Greenwood. Em, *A Treatise of Reformation without Tarrying for Annie* (1582), podemos perceber que a visão de Browne sobre a reforma é que ela não deveria esperar autorização do Estado, mas vir da obediência direta à Palavra de Deus. Por esse motivo, seus seguidores ficaram conhecidos como “brownistas”¹⁰, e sua influência foi decisiva para a ideia de uma igreja livre e autônoma conceito que mais tarde seria central na eclesiologia Batista.

Segundo “As crônicas dos pais peregrinos” A maioria dos separatistas a bordo do *Mayflower* em 1620 eram Brownistas, por isso os peregrinos ficaram conhecidos no século XX como a Emigração Brownista.

A perseguição, entretanto, foi inevitável. Os separatistas, por quando se recusavam a participar dos cultos anglicanos, ganhavam multas, eram presos e frequentemente forçados ao exílio. Muitos encontraram refúgio na Holanda, onde a liberdade religiosa era mais ampla. Foi nesse contexto que John Smyth e Thomas Helwys, antigos separatistas ingleses, formaram a primeira congregação Batista conhecida, em Amsterdã, por volta de 1609. Smyth, antes ministro anglicano, concluiu que o batismo infantil não tinha fundamento bíblico e, em um gesto de convicção radical, decidiu se rebatizar e batizar sua comunidade. Sua compreensão de que o batismo deveria ser ministrado apenas a crentes confessos representava mais do que uma mudança ritual, era a profissão de uma fé pessoal, consciente e livre de coerção estatal.

⁹ (TORBET, Robert. *A History of the Baptists*.1950, p. 47)

¹⁰ Siqueira, Sitri Silas Batista Lobato. *Os Batistas Gerais, Particulares e a Origem Anabatista*. Memória dos Batistas, 20 mar. 2018. Disponível em: <https://www.igrejabatista.net/blog/os-batistas-gerais-particulares-e-a-origem-anabatista>. Acesso em: 11 nov. 2025.

Helwys, por sua vez, retornou à Inglaterra com um pequeno grupo e levou consigo o princípio que se tornaria o coração da fé batista, a liberdade religiosa como direito divino. Em sua obra *A Short Declaration of the Mystery of Iniquity* (1612), escreveu a célebre frase: “Os reis não têm autoridade sobre as almas dos homens.” Essa foi uma das primeiras defesas sistemáticas da liberdade de consciência na Europa moderna, e ela ecoa até hoje como um dos fundamentos da identidade batista¹¹.

A disposição de Helwys para romper com os ideais anglicanos e se firmar com os ideais bíblicos traz para nós um dos principais pensamentos que definem os Batistas, a Bíblia sendo a única regra de fé e prática. A não dependência clerical faz com que a autonomia Batista nasça de forma que rompa severamente com os princípios, sejam eles anglicanos ou católicos, deturpados de governo eclesiástico.

Esses princípios como o batismo de crentes, liberdade religiosa e autonomia da igreja local, moldaram o DNA batista desde o início. O batismo se tornou a expressão visível da fé pessoal, a liberdade religiosa, o testemunho de uma consciência submissa apenas a Deus, e a autonomia congregacional, o reflexo prático da crença de que Cristo é o único Senhor da Igreja. Como destaca McBeth, os Batistas “herdaram dos separatistas a convicção de que a igreja é uma comunidade de crentes, não uma nação batizada”¹².

Essa herança continua muito presente nas igrejas batistas de hoje, especialmente no cuidado com a admissão de novos membros, que ocorre mediante uma profissão pública e consciente de fé. Cada pessoa entra para a igreja por decisão própria, refletindo essa identidade espiritual e não meramente cultural. Além disso, o governo congregacional democrático reforça a ideia de que a comunidade é formada por crentes responsáveis diante de Deus. Assim, a prática atual preserva e encarna, de forma viva, aquilo que recebemos dos primeiros separatistas.

Essa nova compreensão de igreja e fé não nasceu de uma revolta política, mas de uma revolução espiritual. O separatismo foi, portanto, o solo fértil em que germinou a semente batista. A coragem daqueles que decidiram obedecer a Deus antes que aos reis abriu caminho para uma comunidade fundada na consciência individual, na fé voluntária e na autonomia espiritual. Suas convicções moldaram uma identidade que transcendeu séculos, tornando-se um dos legados mais duradouros da Reforma Protestante.

¹¹ (BEBBINGTON, David. *Baptist Beginnings.*, 2010, p. 61)

¹² (MCBETH, H. Leon. *The Baptist Heritage: Four Centuries of Baptist Witness.* 1987, p. 78)

Uma herança como um testemunho ainda pulsante nas igrejas batistas, uma fé livre, consciente e profundamente enraizada nas Escrituras. Uma identidade centrada em Cristo, que continua formando discípulos sinceros e inspirando novas gerações no Brasil e no mundo.

3. O NASCIMENTO DO MOVIMENTO BATISTA: PERSONAGENS, PRÁTICAS E ORGANIZAÇÃO

O surgimento do movimento batista no início do século XVII não aconteceu por um acaso, mas foi o resultado de um processo complexo que envolveu rupturas, descontentamento, redescobertas teológicas, experimentações comunitárias e desejo de fidelidade às Escrituras. Se o primeiro capítulo trouxe o leitor ao ambiente religioso que permitiu o nascimento dos Batistas, agora entramos no terreno onde essa identidade realmente começa a tomar forma. Aqui a história deixa de ser apenas panorama e passa a ser narrativa: nomes ganham rosto, ideias ganham corpo e as comunidades frágeis, perseguidas, começam a viver aquilo que mais tarde seria reconhecido como o DNA teológico e eclesiológico dos Batistas. Esse capítulo, portanto, explora personagens, práticas e valores que moldaram as primeiras igrejas Batistas, destacando a comunidade refugiada em Amsterdã, o retorno de Thomas Helwys à Inglaterra e o desenvolvimento de confissões e estruturas que ainda hoje influenciam nossa tradição.

3.1 A comunidade de Amsterdã e o marco de 1609

A comunidade separatista que se formou em Amsterdã, por volta de 1607–1609, é tida pela maioria dos historiadores como o berço do movimento Batista. Fugindo da perseguição inglesa, líderes como John Smyth, Thomas Helwys e posteriormente John Murton encontraram na Holanda um espaço de liberdade que lhes permitiu reformular práticas e convicções à luz daquilo que entendiam ser o ensino Bíblico. Segundo H. Leon McBeth, esse grupo “representa o primeiro esforço consciente de organizar uma igreja conforme o modelo do Novo Testamento, ainda que em circunstâncias profundamente adversas”¹³

A experiência na Holanda proporcionou tempo e liberdade para reflexão. Na Inglaterra, os separatistas viviam sob constante ameaça, mas em Amsterdam, podiam estudar, debater e

¹³ (MCBETH, *The Baptist Heritage*, 1987, p. 43).

reconstruir sua compreensão de igreja, visto que a cidade foi amplamente influenciada pelo Iluminismo no século XVII, atraindo assim pensadores das mais diversas áreas perseguidas, ou tidas como radicais da Europa. Essa reconstrução teológica culminou no que para muitos foi o evento inaugural do movimento Batista, o rebatismo dos crentes, realizado por John Smyth em 1609. Smyth, que era formado no anglicanismo e foi muito influenciado pelo puritanismo, chegou à convicção de que o batismo infantil não tinha base neotestamentária. Sua decisão de batizar novamente a si mesmo e, em seguida, a toda a comunidade, marca simbolicamente a separação definitiva de seu grupo das demais tradições eclesiais herdadas do catolicismo ou da Reforma Magisterial.

A atitude de Smyth foi radical, mas sem deixar de ser coerente. Ele argumentava que uma igreja verdadeira deveria ser composta apenas por crentes confessos, e que o batismo deveria ser administrado somente a aqueles que professavam sua fé pessoal. McBeth interpreta esse gesto como “um passo corajoso rumo à restauração neotestamentária da igreja”¹⁴. E sem discordar deste pensamento, Justo González observa que o rebatismo em Amsterdã não foi uma tentativa de inovação, mas “uma busca por coerência bíblica frente a séculos de tradições acumuladas”¹⁵.

Outro fator marcante dessa comunidade foi a influência menonita. O movimento menonita tem origem nos anabatistas (que significa "rebatizadores"), um grupo radical da Reforma que surgiu em Zurique, Suíça, por volta de 1525. Contudo um grupo dissidente de anabatistas, viria a ser conduzido por um ex-sacerdote católico holandês chamado Menno Simons (1496-1561) e, viria se chamar Menonita, quando chegassem nos Países Baixos e norte da Alemanha em para ali se estabelecer.

Em Amsterdam, Smyth teve contato direto com esse grupo, que já praticava o batismo de crentes e defendiam uma igreja composta apenas por regenerados. Esse contato reforçou e amadureceu algumas convicções. Embora Smyth mais tarde tenha tentado unir sua congregação aos menonitas movimento rejeitado por Helwys, o diálogo foi determinante na solidificação de práticas que se tornariam características Batistas. Ao ler Hayden é possível entender que a convivência com os menonitas deu aos primeiros Batistas uma demonstração clara de que sua visão de igreja não era utópica, mas possível¹⁶.

¹⁴ (MCBETH, H. Leon. *The Baptist Heritage: Four Centuries of Baptist Witness.*, 1987, p. 45)

¹⁵ (GONZÁLEZ, *A Era dos Reformadores*, 2011, p. 212).

¹⁶ (HAYDEN, Roger. *English Baptist History and Heritage*. 2. ed. Didcot: Baptist Union of Great Britain, 2005. ISBN 978-0901472793.)

Contudo, essa distinção de ideias entre Smyth e Helwys levou à divisão da comunidade e formação do que é tradicionalmente reconhecido como a primeira igreja Batista organizada, a qual foi liderada por Helwys e Murton. Esse grupo se distanciou dos menonitas por entender que, apesar das semelhanças, sua teologia da igreja deveria permanecer independente e fundamentada exclusivamente nas Escrituras. É esse grupo, e não o de Smyth, que retorna à Inglaterra e dá origem ao movimento Batista organizado em solo Holandes, mas que tomou força na Grã-Bretanha.

A coragem desse grupo mostra que em vez de moldar a teologia aos limites da época, eles deixaram que as Escrituras moldassem sua consciência, mesmo quando isso significava romper com o poder e a tradição, o que não foi simples. E essa ousadia ajudou a formar nossas principais características, como liberdade, responsabilidade e fidelidade ao evangelho acima de qualquer outra autoridade.

3.2 O retorno de Helwys à Inglaterra e a revolução da liberdade religiosa

O retorno de Thomas Helwys à Inglaterra em 1611, onde fundou a Primeira Igreja Batista na Inglaterra, em Spitalfields, arredores de Londres, representou um dos momentos mais decisivos e, até podemos dizer, mais ousados da história Batista. Se em Amsterdã vimos nascer a identidade doutrinária Batista, na Inglaterra vimos essa identidade ganhar forma pública e enfrentar a perseguição. Helwys sabia exatamente o que o esperava ao abandonar o refúgio holandês e voltar para um país onde tanto separatistas quanto não conformistas eram tratados como criminosos, ele trouxe para si uma postura de coragem que se tornaria um fator marcante dentro da tradição Batista.

Foi nesse contexto que ele escreveu sua obra mais famosa, *A Short Declaration of the Mystery of Iniquity* (1612), considerada por muitos historiadores como a primeira defesa sistemática da liberdade religiosa em toda a Europa moderna. Segundo Leon McBeth, “nenhum outro líder protestante do início do século XVII articulou a liberdade de consciência com tamanha clareza e ousadia quanto Helwys”¹⁷.

A obra nasce como uma crítica aos sistemas políticos e eclesiásticos que, segundo Helwys, usurpavam aquilo que pertence exclusivamente a Deus: a consciência humana. Ele

¹⁷ (MCBETH, *The Baptist Heritage*, 1987, p. 52).

argumentava que nenhum rei, papa, bispo ou parlamento tinha autoridade para impor uma fé, exigir conformidade religiosa ou punir quem discordasse. Em suas palavras:

“A religião do homem para com Deus é entre Deus e o homem somente; o rei
não deve ser juiz sobre ela”

(HELWYS, *A Short Declaration*, 1612, p. 37).

Esse trecho, frequentemente citado em estudos Batistas, mostra a profundidade do pensamento de Helwys. Em uma época em que reis governavam “por direito divino”, afirmar que o Estado não podia interferir na consciência era progressismo, até rebeldia. Justo González escreve que Helwys não rompeu apenas com a Igreja Inglesa, mas com a crença política de boa parte da Europa¹⁸.

Helwys não fez o que fez simplesmente por achismo, ele teve uma base concreta que além de tudo não era meramente política, mas profundamente teológica. Se Cristo é o único Senhor da Igreja, então ninguém pode substituir a autoridade de Cristo sobre a consciência humana. Assim, liberdade de consciência era mais que um direito natural, era de ordem espiritual. Helwys defendia que a fé não pode ser imposta, apenas recebida, que a coerção nunca produz conversão e que qualquer forma de religião obrigatória é contrária ao Evangelho de aceitação à Cristo.

McBeth resume a postura de Helwys ao dizer que sua obra “elevou a liberdade religiosa ao nível de doutrina cristã, e não simplesmente reivindicação civil”¹⁹.

Embora escrita para o contexto inglês, a defesa teológica de Helwys teve repercussão muito além das fronteiras Grã-Bretanhas. Entre separatistas, puritanos e outros dissidentes europeus, a obra circulou como um manifesto de resistência espiritual. Alguns estudiosos apontam que ela exerceu influência indireta nos debates sobre liberdade religiosa que mais tarde moldariam os Estados Unidos, especialmente entre Batistas coloniais como Roger Williams, que ecoam ideias semelhantes sobre consciência individual e separação entre Igreja e Estado.

Na própria Inglaterra, porém, a recepção não foi tão animadora. Helwys enviou uma cópia dedicatória ao rei James I, onde escreveu:

¹⁸ (GONZÁLEZ, *A Era dos Reformadores*, 2011, p. 215)

¹⁹ (MCBETH, *The Baptist Heritage*, 1987, p. 54).

“O rei é um homem mortal e não Deus, portanto não tem poder sobre as almas dos seus súditos.”

Essa frase custou a Helwys prisão na cadeia de Newgate, onde ficou até morrer. González observa que “raros escritos teológicos custaram tão caro ao seu autor quanto a obra de Helwys”²⁰

Fruto deste trabalho, a liberdade religiosa se tornou um dos pilares centrais da identidade Batista. Não apenas como defesa de direitos civis, mas como afirmação teológica onde, cada pessoa responde diretamente a Deus, sem mediação estatal, sacerdotal ou monárquica e a fé só é verdadeira quando nasce da convicção e não da coerção. É por isso que, ao longo da história, os Batistas defenderam a liberdade de pregar, de se reunir, liberdade de consciência, separação entre Igreja e Estado, autonomia das igrejas locais, e a responsabilidade individual diante de Deus.

Essa herança continua atual. Em um contexto contemporâneo marcado pelas tensões políticas e religiosas, revisitar Helwys nos ajuda a lembrar que nossa vocação, assim como a dele, nunca foi assumir o poder religioso sobre instituições civis, mas proteger o espaço onde o Evangelho possa ser anunciado e aceito voluntariamente.

3.3 A organização das primeiras igrejas batistas gerais e particulares

O Crescimento do movimento Batista na Inglaterra ganhou pontos mais definidos à medida que comunidades distintas passaram a se consolidar sob convicções teológicas próprias e práticas congregacionais coerentes com a fé Batista. Esse processo de maturação ocorreu principalmente entre meados das décadas de 1610 e 1640, quando surgiram duas tradições que, mesmo sendo irmãs, possuíam ênfases doutrinárias diferentes, os Batistas Gerais e os Batistas Particulares. Ambas as vertentes contribuíram de maneira decisiva para moldar a identidade Batista dos séculos seguintes, especialmente no que diz respeito à autoridade das Escrituras, ao Batismo de crentes e ao governo congregacional, marcas que se mantêm como nas igrejas Batistas até hoje.

Os Batistas Gerais foram os primeiros a se organizar, diretamente influenciados pela herança teológica arminiana de John Smyth e Thomas Helwys. McBeth explica que o ele eram

²⁰ (GONZÁLEZ, *A Era dos Reformadores*, 2011, p. 216).

chamados “gerais” porque defendiam a doutrina da expiação geral, que significa que Cristo morreu por todos os seres humanos que nEle crêem, o fundamento aqui é que a graça salvadora é oferecida universalmente, embora eficaz somente na vida daqueles que respondessem em fé. Sua organização começou ainda na década de 1610, com a igreja liderada por Helwys em Londres após seu retorno da Holanda. Ao longo das décadas seguintes, esse grupo cresceu e formou associações que buscavam cooperar em missões, disciplina e apoio mútuo. Seu caráter mais aberto ao diálogo teológico e à evangelização ampla marcou profundamente as convicções Batistas iniciais.

Já os Batistas Particulares surgiram na década de 1630, ao adotar uma teologia calvinista definida e organizando congregações comprometidas com a expiação particular, segundo a qual Cristo morreu de maneira específica e eficaz pelos eleitos. Pastores como Henry Jessey, William Kiffin e John Spilsbury foram fundamentais na formação desse grupo. Embora partissem de bases distintas dos Batistas Gerais, eles compartilhavam convicções essenciais como a autoridade suprema da Bíblia, o batismo de crentes mediante imersão, a membresia regenerada e a autonomia das igrejas. Com o tempo, foram se tornando numericamente mais expressivos e exerceram influência decisiva no desenvolvimento posterior do movimento Batista anglo-americano.

Duas confissões de fé se destacaram nesse período, a Confissão de 1644, representando os Batistas Particulares, e a Confissão de 1689, uma revisão ampliada baseada na Confissão de Westminster. A primeira buscava esclarecer mal-entendidos e demonstrar que os Batistas tinham fé correta, distante do anabatismo radical e profundamente comprometida com a autoridade das Escrituras. Já a Confissão de 1689 consolidou a identidade dos Batistas Particulares ao apresentar uma teologia robusta, coerente e sistematizada, enfatizando a soberania Divina, a responsabilidade humana e a vida congregacional disciplinada. Mesmo com diferenças, ambas as confissões contribuíram para dar segurança doutrinária ao movimento Batista durante um período de intensas tensões políticas e religiosas na Inglaterra.

No campo prático, tanto Batistas Gerais quanto Particulares afirmavam convicções que permanecem como marcas distintivas dos Batistas até hoje. O batismo de crentes, mediante imersão, expressava publicamente a fé pessoal e a identificação com a morte e ressurreição de Cristo. A Ceia, agora entendida como memorial e não como sacramento eficaz em si mesmo, reforçava a centralidade da obra de Cristo já consumada. O governo congregacional, no qual cada assembleia local é autônoma, mas responsável perante Cristo e uns aos outros,

tornou-se uma das expressões mais claras da convicção de que a autoridade espiritual é exercida pela própria igreja reunida, guiada pelo Espírito e pela Palavra.

Esses elementos não apenas definiram o movimento Batista no seu começo, mas continuam a moldar a vida das igrejas ao redor do mundo. A clareza doutrinária, a organização simples e a ênfase na responsabilidade espiritual dos membros permanecem como testemunho dessa herança deixada por essas primeiras comunidades.

3.4 Um apanhado geral e a chegada aos EUA

A história Batista é extensa, somos fruto de um longo e, por vezes, tumultuado processo que começou a tomar forma na Europa do século XVI. O grande impacto da Reforma Protestante, que começou com debates sobre a fé, logo se transformou em uma onda de mudanças políticas e sociais que varreu o continente. Foi nesse contexto, de questionamentos à autoridade, da forma de adorar a Deus e da liberdade de consciência, que o terreno para o nosso surgimento foi preparado, chegando até a Inglaterra.

Foi na Inglaterra, que o desejo de reformar a Igreja Anglicana deu origem a um grupo conhecido como Puritanos. Dentre eles um subgrupo conhecido como Separatistas, ainda mais insatisfeitos, não queriam apenas reformar, eles queriam se separar completamente da igreja estatal e foi no meio desses separatistas que encontramos as raízes do nosso movimento. A não aceitação de uma fé imposta pelo império e o sonho em formar comunidades de pessoas que, por vontade própria, confessavam sua fé e desejavam um culto simples, Bíblico e com Jesus no centro levaram esse grupo a defender suas ideologias.

Essa busca por liberdade levou esse grupo a se exilar na Holanda, mais especificamente em Amsterdã, terra fértil para a liberdade de pensamento. Foi nesse ambiente que, em 1609, John Smyth e Thomas Helwys, influenciados por outros grupos reformadores, deram vida àquela que muitos consideram a primeira igreja Batista. Ao decidirem que o batismo era para quem crê e que a igreja deveria ser uma comunidade voluntária, eles resgataram um “novo jeito de ser cristão”, defendendo a Bíblia como única regra de fé e prática, a centralidade de Cristo como Senhor, a autonomia da igreja local, a liberdade de consciência individual, a separação entre igreja e Estado, salvação pela graça através da fé e a responsabilidade individual diante de Deus, ainda a liberdade religiosa para todos.

Depois de um tempo, por divergências no grupo, Helwys decidiu voltar para a Inglaterra. Levando consigo as convicções que dariam origem aos chamados Batistas Gerais, que acreditavam que a salvação era para todos (visão arminiana). Helwys foi ousado a ponto de escrever um livro onde afirmou que “o rei não é senhor das almas”, uma declaração revolucionária para a época e um marco na defesa da liberdade.²¹

Enquanto isso, outro grupo, vindo de uma linha mais calvinista dentro do puritanismo, formava os Batistas Particulares. Eles tinham uma visão mais restrita da salvação, mas, assim como os Batistas Gerais, defendiam os mesmos princípios que basilares para o nosso pensamento Batista²².

E assim, desde o seu começo, o movimento Batista caminhou por duas trilhas Gerais e Particulares. Embora com algumas diferenças teológicas, eles compartilhavam o essencial: o batismo mediante profissão de fé, a necessidade de uma experiência pessoal com Deus para ser membro da igreja, a autonomia de cada congregação local e a separação total entre Igreja e Estado. Como disse o historiador David Bebbington, eles “cresceram lado a lado e influenciaram um ao outro”²³.

Com o passar do tempo, essas ideias de liberdade religiosa e responsabilidade individual e autonomia das igrejas encontraram um solo fértil do outro lado do oceano. Perseguidos na Inglaterra por não se dobrarem à religião oficial, muitos Batistas, junto com outros grupos, cruzaram o Atlântico em busca de um lugar onde pudessem viver sua fé em paz²⁴. O Novo Mundo, que ainda estava se formando, acabou se tornando esse lugar.

Na América do Norte, o jeito batista de ser encontrou um espaço fértil. A partir da colônia de Rhode Island, fundada por homens como Roger Williams e John Clarke, Roger Williams e John Clarke foram cofundadores da colônia de Rhode Island e defensores da liberdade religiosa, os Batistas se tornaram uma voz poderosa na defesa da separação entre Igreja e Estado, influenciando diretamente a Constituição dos Estados Unidos. J. Clarke foi fundamental ao viajar para a Inglaterra para obter a Carta Real de 1663, que garantiu a liberdade religiosa para a colônia, e foi um pastor Batista pioneiro nos EUA. Roger Williams, por sua vez, foi o primeiro pastor Batista na América e obteve a primeira carta para a colônia,

²¹ (A SHORTE DECLARATION OF THE MYSTERY OF INIQUITY, 1611; citado em HAYDEN, 2005, p. 115).

²² (MCBETH, 1987, p. 10–11; TORBET, 1950, p. 60–68).

²³ (BEBBINGTON, 2010, p. 22).

²⁴ Apanhado geral de HILL, 1983, p. 101–120; TORBET, 1950, p. 138–155.

que foi substituída pela de Clarke. A experiência na América, como citado pelo historiador David Bebbington, “amplificou o pensamento batista e transformou suas convicções em estruturas políticas concretas”²⁵.

Desse modo, o que começou como um pequeno grupo de dissidentes na Inglaterra se transformou em um movimento internacional, que ajudou a moldar o que entendemos hoje por liberdade, consciência individual e até democracia. Essa jornada incrível nos prepara para entender, no próximo capítulo, como todas essas convicções se transformaram em um jeito próprio de ser igreja, com práticas e valores que continuam a nos inspirar até hoje.

4. ECLESIOLOGIA BATISTA: FUNDAMENTOS, DESENVOLVIMENTO E EXPRESSÕES HISTÓRICAS

Antes de entrarmos no capítulo preciso apenas lembrar que Eclesiologia é o ramo da teologia Cristã que aborda as doutrinas da igreja. Dito isto, a eclesiologia Batista não surgiu de forma abstrata nem meramente doutrinária, ela nasceu de experiências profundas no contexto da Reforma, da perseguição religiosa e da busca pela fidelidade bíblica diante das transformações sociais da Europa moderna. Como um movimento nascido do separatismo inglês, os Batistas desenvolveram uma compreensão de igreja que combinava convicções teológicas, consciência histórica e necessidades práticas. Dessa maneira, a vida comunitária, o pacto congregacional, a membresia regenerada e o batismo de crentes não foram decisões isoladas, mas respostas concretas às questões do século XVII.

Entender essa eclesiologia significa compreender uma tradição que se formou no calor de debates sobre autoridade espiritual, liberdade de consciência e participação local na vida da igreja. Como observa H. Leon McBeth, “A história dos batistas é uma história de igrejas organizadas para viver as convicções de sua fé”²⁶. Assim, este capítulo busca apresentar, de forma geral, os elementos principais da eclesiologia Batista, ligando sua evolução histórica desde as primeiras confissões de fé até sua percepção no contexto brasileiro, especialmente através da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (1963).

²⁵ (BEBBINGTON, 2010, p. 26; HILL, 1980, p. 210)

²⁶ (MCBETH, 1987, p. 45)

4.1 A Construção Doutrinária Batista a partir das Confissões de Fé.

A identidade Batista, consolidada ao longo dos séculos, não se estabeleceu por meio de um único documento fundacional, mas sim através de uma série de confissões históricas que buscaram articular, com clareza, as crenças e práticas das igrejas. Longe de serem meros documentos teóricos, essas obras estruturais desempenharam um papel crucial na organização eclesial, na proteção da ortodoxia doutrinária e na formação da consciência Batista. Ao examinar as mesmas, é possível traçar a evolução do pensamento teológico Batista, desde suas raízes no separatismo inglês até sua adaptação em contextos globais. A seguir, analisamos quatro das confissões mais representativas para a compreensão dessa trajetória: a Confissão de 1644, a de 1689, a New Hampshire de 1833 e a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (1986).

4.1.1 A Confissão de 1644

Publicada originalmente em Londres, a Primeira Confissão de Fé de Londres (1644) representa o primeiro esforço coeso das igrejas batistas particulares (de orientação calvinista) para definir sua posição teológica. Em um ambiente político e religioso marcado por intensa suspeita e acusações, o documento tinha o objetivo estratégico de diferenciar os batistas tanto dos anabatistas radicais quanto dos separatistas ingleses que ainda praticavam o batismo infantil.

Conforme McBeth, esta confissão "tornou-se a primeira grande expressão da fé batista calvinista e ajudou a estabelecer uma identidade distintiva para as igrejas particulares"²⁷. Ela reafirmava a autoridade suprema das Escrituras e, de forma pioneira, articulava os princípios eclesiológicos que se tornariam marcas da tradição: o batismo de crentes por imersão, o governo congregacional, a autonomia das igrejas locais e a defesa da liberdade de consciência. Ainda que muito alinhada com as doutrinas essenciais da Reforma, a Confissão de 1644 demonstrou uma visão prática da vida comunitária, focada na membresia regenerada.

4.1.2 A Confissão de 1689

A Segunda Confissão de Fé de Londres (1689) é amplamente reconhecida como o documento Batista mais influente na tradição reformada. Sua relevância reside no fato de ter sido elaborada a partir de textos já estabelecidos e respeitados na Confissão de Westminster

²⁷ McBeth, H. L. (1987). *The Baptist Heritage: Four Centuries of Baptist Witness*. Broadman Press.

(1647), adaptando-os à perspectiva Batista, notadamente no que remete à doutrina do batismo de crentes.

Bebbington argumenta que a Confissão de 1689 "forneceu ao movimento batista uma estrutura doutrinária sólida, mantendo a combinação de liberdade congregacional e ortodoxia reformada"²⁸. Seus pontos centrais incluem uma doutrina robusta da soberania de Deus, um detalhamento da vida da igreja e dos ofícios, a compreensão das ordenanças (Batismo e Ceia) como memoriais e a defesa inegociável da liberdade religiosa e da separação entre Igreja e Estado. Essa confissão serviu como um referencial teológico para as Igrejas Batistas nos séculos seguintes, especialmente nos Estados Unidos, onde influenciou a formação de diversas associações e convenções.

4.1.3 A Confissão de New Hampshire (1833)

Com a expansão do movimento batista nos Estados Unidos, impulsionada pelo fervor do Segundo Grande Despertar, surgiu a necessidade de uma confissão que fosse mais concisa, pastoral e orientada para a missão. A Confissão de New Hampshire (1833) preencheu essa lacuna, sendo, na visão de Robert Torbet, menos técnica que a de 1689, porém teologicamente firme e acessível à membresia comum.

Este documento se tornou a base para a Baptist Faith and Message²⁹ da Convenção Batista do Sul e representou a consolidação de uma junção norte-americana que buscava a unidade doutrinária em meio à rápida expansão evangelística. Suas características incluem a clareza e simplicidade de linguagem, uma soteriologia compatível com o arminianismo moderado, uma forte ênfase na conversão pessoal e o reforço contínuo da autonomia da igreja local e do governo congregacional.

4.1.4 A Declaração Doutrinária (1963)

Já a CBB, estabelecida a partir das missões norte-americanas no final do século XIX, herdou grande parte de sua estrutura doutrinária da tradição dos Estados Unidos. A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (1963) foi aprovada com forte inspiração na Baptist Faith and Message (1963), que, por sua vez, deriva da Confissão de New Hampshire e da linhagem teológica do avivalismo americano.

²⁸ Bebbington, D. W. (2010). *Baptists Through the Centuries: A History of a Global Faith*.

²⁹ BAPTIST FAITH AND MESSAGE. *The 1925 Baptist Faith and Message*.

Apesar da influência americana, a Declaração de 1963 preserva os elementos essenciais da identidade Batista, como o batismo de crentes, a autonomia da igreja local, o governo congregacional e a suficiência das Escrituras. McBeth observa que os batistas brasileiros preservaram os elementos essenciais da identidade Batista, adaptando a tradição à sua própria realidade cultural.

4.2 A distinção Batista nas práticas eclesiológicas

Analisadas as confissões que moldaram e guiam os Batistas até hoje, podemos entender melhor as suas influências e implicações práticas que realmente nos tornaram diferentes ao longo da história e da nossa maneira de organizar e viver a vida em comunidade. Práticas como a autonomia da igreja local, o cuidado mútuo, a necessidade de uma experiência pessoal com Deus para ser membro e um culto simples, focado na Bíblia, não surgiram do nada. Elas foram respostas concretas aos desafios teológicos, pastorais e políticos que os batistas enfrentaram na Inglaterra dos séculos XVII e XVIII. Vamos explorar cada uma dessas práticas, entendendo de onde vieram e como se aplicam em nosso dia a dia.

4.2.1 A Autonomia da Igreja Local.

A ideia de que cada congregação deve ser independente foi uma das heranças mais fortes que recebemos dos primeiros grupos separatistas. Diferente dos modelos em que bispos ou concílios mandavam nas igrejas, os pioneiros Batistas defendiam que cada comunidade local tinha o direito de tomar suas próprias decisões como escolher seus líderes, cuidar de seus membros, celebrar a Ceia e o batismo e decidir quem faria parte dessa organização. Essa convicção, que já existia no final do século XVI, foi aprofundada pelos grupos que deram origem aos Batistas, tanto na Holanda quanto na Inglaterra.

Essa autonomia tinha um propósito duplo, proteger a igreja da interferência do governo e fazer com que cada membro fosse diretamente responsável pela vida e pelo testemunho da comunidade. Ao dizer "não" para rituais e hierarquias impostas de fora, as igrejas Batistas buscaram viver uma fé em que a autoridade final vinha da própria comunidade, reunida sob a direção da Palavra de Deus. Esse jeito de ser igreja também abriu espaço para práticas mais democráticas, como a eleição e a remoção de líderes pelo voto dos membros e a participação de todos nas decisões importantes. Essas características se tornaram marcas da identidade Batista, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos.

4.2.2 A Disciplina e a Responsabilidade na Comunidade.

Outro ponto que sempre nos diferenciou foi a prática da disciplina na igreja, que nada mais é do que o exercício do cuidado mútuo. Para os primeiros batistas, ser igreja não era só se reunir no domingo; era zelar pela santidade e pelo bom nome da comunidade. A disciplina, que ia desde uma conversa franca e fraterna até, em casos mais sérios, o afastamento temporário de um membro, era vista como um remédio para a alma, e não como uma forma de humilhar ou punir alguém em público. Documentos antigos mostram que as primeiras igrejas tinham reuniões regulares para conversar com os membros, prestar contas uns aos outros e ajudar a resolver conflitos.

Historicamente, essa prática surgiu como uma resposta a dois problemas: a frouxidão moral em igrejas onde o batismo era apenas um ritual sem significado (algo que os batistas criticavam nas igrejas controladas pelo Estado) e o risco de a autonomia se transformar em bagunça. A disciplina, então, buscava proteger a credibilidade do evangelho e a saúde espiritual da igreja. Com o tempo, os batistas passaram a unir a disciplina ao ensino da doutrina e à preparação dos novos membros, garantindo que a participação na igreja não fosse por tradição familiar, mas por uma decisão consciente e um compromisso real.

4.2.3 A Membresia por Profissão de Fé.

Talvez a característica mais conhecida dos batistas seja a de que, para ser membro da igreja, é preciso declarar publicamente a sua fé em Jesus. O batismo de pessoas que já crêem – e, conseqüentemente, a sua entrada na igreja – foi o que separou de vez o nosso jeito de entender a igreja do modelo em que "nascer no país é ser da igreja". Os pioneiros do movimento batista afirmavam que a verdadeira igreja é formada por pessoas que nasceram de novo e que podem contar como isso aconteceu em suas vidas.

Essa prática nasceu da crítica ao batismo de bebês, que os incluía na igreja sem que eles tivessem consciência do que estava acontecendo. Para os batistas, ser membro da igreja é resultado de uma convicção pessoal e de um compromisso público, e o batismo é o símbolo visível dessa decisão. Esse princípio moldou outras práticas que temos até hoje, como a preparação dos novos convertidos, a necessidade de a pessoa confessar sua fé diante da igreja antes de ser batizada e a visão de que cada membro é um participante ativo na missão da igreja.

4.2.4 Simplicidade e Foco na Palavra.

Desde o início, os Batistas preferiram um culto mais simples, centrado na pregação da Bíblia, na oração e no canto de toda a congregação. Essa escolha não foi por acaso. Por um lado, eles não gostavam do que consideravam "enfeites" e rituais que não estavam na Bíblia. Por outro, eles tinham a forte convicção de que a Palavra de Deus é o principal instrumento que o Espírito Santo usa para nos fortalecer. A centralidade da pregação e a simplicidade do culto foram formas práticas de criar uma comunidade que conhecia a Bíblia e que levava a sério a sua fé.

Historicamente, o culto simples também foi uma questão de necessidade. Em tempos de perseguição ou de poucos recursos, não dava para ter cerimônias muito elaboradas. O que realmente importava era que a Palavra de Deus fosse pregada com fidelidade e que as vidas fossem transformadas por ela. Com o tempo, essa ênfase ajudou os batistas a desenvolverem uma forte tradição de pregação e um grande compromisso com o ensino da Bíblia, o que, por sua vez, impulsionou o trabalho missionário e o crescimento das igrejas.

4.2.5 Geral

Ao olhar para trás, vemos que essas práticas não são apenas costumes antigos. Elas são respostas cheias de sabedoria teológica e pastoral aos desafios de cada época. Elas nos ajudaram a defender a liberdade de consciência, a tornar a igreja mais responsável e a ter um testemunho mais coerente diante do mundo. No entanto, como tudo na vida, elas também têm seus riscos. A autonomia pode levar ao isolamento, se não estivermos unidos na mesma fé. A disciplina pode se tornar um legalismo frio, se não for aplicada com amor. A exigência de uma decisão pessoal pode dificultar a integração de novas pessoas. E a simplicidade no culto pode se transformar em um culto pobre, sem profundidade intelectual ou emocional.

Autores que estudaram a nossa história, como McBeth e Torbet, reconheceram tanto a força quanto as fraquezas do nosso jeito de ser igreja. Uma análise da nossa herança nos mostra que precisamos de equilíbrio: autonomia com responsabilidade, disciplina com misericórdia, exigência de fé com acolhimento e centralidade na Palavra com criatividade na adoração.

4.3 A Conservação da identidade

Chegando aqui percebemos que a identidade Batista não surgiu de forma repentina, nem como fruto de uma simples ruptura administrativa, mas como resultado de um longo caminho no qual homens e mulheres buscaram viver uma fé coerente com a Escritura, mesmo quando isso custava segurança, aceitação e liberdade. Tudo aquilo que analisamos, toda a história, as confissões, a organização das igrejas, a defesa da liberdade religiosa e as práticas eclesiológicas mostra que o movimento Batista nasce precisamente nesse ambiente de tensão espiritual e social que marcou o separatismo inglês.

Isso nos ajuda a responder de maneira direta à pergunta que norteia este trabalho: como o contexto separatista contribuiu para a formação da identidade batista e por que essa compreensão é relevante para os batistas de hoje?

Primeiro, esse contexto moldou nossos princípios mais profundos. A busca pela liberdade de consciência, defendida com coragem por Helwys ao afirmar que “a religião do homem é entre Deus e sua própria alma”³⁰, deu origem a um dos mais preciosos pilares Batistas. A convicção de que ninguém, nem rei, nem igreja pode intervir na relação espiritual do indivíduo com Deus é uma marca que carregamos até hoje. H. Leon McBeth lembra que os Batistas nasceram em meio a tensões sobre autoridade, liberdade e organização da igreja, e isso explica por que temas como autonomia da igreja local e responsabilidade individual continuam tão presentes entre nós.

Além disso, revisitar essa história nos faz entender que a identidade Batista é mais do que um conjunto de práticas. É uma herança espiritual, uma convicção, uma forma de viver a fé que, desde Amsterdã, passando por Rhode Island e chegando a nós Batistas Brasileiros procurou unir fidelidade bíblica, simplicidade no culto, membros regenerados e auto responsabilidade diante de Deus. Roger Williams, ao recusar o poder coercitivo do Estado como instrumento para moldar consciências ³¹, abriu espaço para aquilo que mais tarde influenciaria a Primeira Emenda americana, uma das maiores expressões de liberdade religiosa da modernidade.

Quando olhamos para as confissões, 1644, 1689, New Hampshire (1833) e mesmo a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, percebemos como essa tradição se manteve coerente ao longo dos séculos. Todas elas trazem a mesma raiz, a fé do indivíduo, autoridade da Escritura, igreja local autônoma e ordenanças compreendidas como testemunho

³⁰ (HELWYS, 1612, p. 53)

³¹ (WILLIAMS, 1644, p. 12)

de fé. São documentos que conectam a tradição inglesa ao cenário brasileiro e mostram como os Batistas, mesmo que espalhados pelo mundo, permanecem unidos por convicções comuns.

Por fim, compreender esse percurso histórico serve como um chamado aos Batistas de hoje. Que mesmo em tempos de tanta instabilidade e perda de referências, lembrar nossas raízes nos ajuda a permanecer firmes. Como observou Christopher Hill, quando escreveu sobre o período pós-reforma, “conhecer a própria história era uma forma de resistir às forças que moldam o futuro sem referência às raízes”³². Da mesma forma, conhecer o caminho que nos trouxe até aqui nos lembra por que cremos, por que praticamos e por que organizamos nossas igrejas da forma como fazemos.

Assim, este capítulo teve por objetivo mostrar que a identidade Batista, moldada na tensão entre fé, liberdade e autoridade, é uma herança que merece ser conhecida, valorizada e preservada. E essa consciência pode fortalecer os Batistas de hoje a viverem sua tradição com convicção, humildade e fidelidade ao evangelho que motivou nossos antepassados a atravessarem fronteiras, enfrentarem prisões e defenderem aquilo que, para eles, era inegociável.

5. CONCLUSÃO

Compreender o surgimento do movimento Batista e sua relevância para os dias atuais é, um mergulho histórico e um exercício de identidade. Ao longo deste trabalho, busquei demonstrar que os Batistas não emergiram de maneira isolada, mas como fruto de um contexto amplo de tensões religiosas, políticas e sociais que marcaram profundamente a Inglaterra pós-Reforma. O que se tornou, mais tarde, uma das tradições protestantes mais influentes do mundo nasceu dentro de debates que envolviam autoridade, consciência, liberdade e fidelidade à Escritura.

O primeiro capítulo revisitou esse ambiente formador, marcado por conflitos entre puritanos, separatistas e a Igreja Anglicana. Foi neste cenário que figuras como John Smyth e Thomas Helwys deram os passos que inaugurariam a trajetória Batista. A comunidade de Amsterdã, em 1609, tornou-se o ponto de partida de práticas e convicções que ainda definem os Batistas hoje, como o batismo de crentes, a membresia regenerada e a autonomia da igreja local. Esse

³² (HILL, 1980, p. 77)

momento inicial, longe de ser apenas um registro histórico, mostra que nossa identidade nasceu de decisões conscientes, fundamentadas no desejo de fidelidade ao Novo Testamento.

O capítulo seguinte apresentou o desenvolvimento do movimento, evidenciando como ele se consolidou tanto na Europa quanto na América. A coragem de Helwys ao defender a liberdade religiosa, sobretudo em *A Short Declaration of the Mystery of Iniquity*, estabeleceu um marco espiritual e político que ressoa até os dias de hoje. Nos Estados Unidos, a atuação de Roger Williams e a fundação de Rhode Island ampliaram essa semente, contribuindo para a formulação da Primeira Emenda americana. Vemos, assim, que a defesa da liberdade de consciência não é um detalhe da tradição batista, mas uma de suas colunas estruturantes.

No terceiro capítulo, abordamos como essa herança histórica se expressa na eclesiologia Batista. As confissões de fé de 1644, 1689, New Hampshire (1833) e a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, mostram uma continuidade doutrinária duradoura, mostrando que os Batistas têm uma história de afirmação teológica sólida, fundamentada e coerente. Os pilares da vida Batista, o governo congregacional, o batismo de crentes, a ceia como memorial, a disciplina e a autonomia da igreja local, constituem não apenas práticas eclesiológicas, mas expressam as convicções bíblicas construídas ao longo de séculos.

Diante desse panorama, podemos responder com clareza à pergunta-problema que orientou este trabalho: o contexto separatista inglês contribuiu decisivamente para a formação da identidade batista ao fornecer o terreno histórico, teológico e espiritual no qual surgiram seus princípios fundamentais. E compreender essa origem ajuda os Batistas de hoje a reconhecer, preservar e valorizar sua tradição. Em outras palavras, conhecer essa história não é apenas uma questão de erudição, é um ato de fidelidade à própria fé.

Além disso, o resgate dessa trajetória oferece ao Batista de hoje uma oportunidade de reencontrar o sentido de seus valores. Em tempos de confusão doutrinária, superficialidade espiritual e deslocamento identitário, visitar nossas raízes nos lembra que fomos chamados a viver uma fé marcada pela responsabilidade pessoal, pela centralidade da Palavra e pela liberdade de consciência diante de Deus. Mais do que isso, nos ajuda a enxergar que a tradição Batista não é um sistema de doutrinas do passado, mas uma herança que inspira práticas saudáveis e uma vida comunitária coerente com as Escrituras.

Essa pesquisa busca servir como ponte entre história e prática, entre passado e presente, entre conhecimento acadêmico e vivência prática. Que as igrejas Batistas de hoje e sua membresia encontrem aqui uma oportunidade de se reconhecerem dentro de uma história que foge dos padrões paroquiais, como diz o Pastor Frederico Antunes, mas sim se entendam como um povo, uma comunidade, uma tradição de fé, e que essa compreensão fortaleça nossa caminhada como povo que deseja servir ao Senhor com fidelidade, convicção e humildade.

Que conhecer nossas raízes nos ajude a florescer com propósito no presente e frutos no futuro.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEBBINGTON, David. *Baptist Beginnings*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- COFFEY, John; LIM, Paul Chang-Ha. *The Cambridge Companion to Puritanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- MCBETH, H. Leon. *The Baptist Heritage: Four Centuries of Baptist Witness*. Nashville: Broadman Press, 1987.
- TORBET, Robert. *A History of the Baptists*. Philadelphia: Judson Press, 1950.
- HILL, Christopher. *The Century of Revolution: 1603–1714*. London: Routledge, 1980.
- BOSSY, John. *A Cristandade no Ocidente (1400–1700)*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- HILL, Christopher. *A Revolução Inglesa (1640)*. Lisboa: Editorial Presença, 1983.
- SIQUEIRA, Sitri Silas Batista Lobato. *Os Batistas Gerais, Particulares e a Origem Anabatista*. Memória dos Batistas, 20 mar. 2018. Disponível em: <https://www.igrejabatista.net/blog/os-batistas-gerais-particulares-e-a-origem-anabatista>. Acesso em: 11 nov. 2025.
- GONZÁLEZ, Justo L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Reformadores até a Era Inconclusa*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- HAYDEN, Roger. *English Baptist History and Heritage*. 2. ed. Didcot: Baptist Union of Great Britain, 2005. ISBN 978-0901472793.
- A shorte declaration of the mystery of iniquity." In the digital collection Early English Books Online 2. <https://name.umdl.umich.edu/A02915.0001.001>. University of

Michigan Library Digital Collections. Accessed November 13, 2025.

- **HELWYS, Thomas.** *A Short Declaration of the Mystery of Iniquity (1611/1612).* Richard Groves (ed.). Macon, GA: Mercer University Press, 1998.
- **CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA.** *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasil.* Disponível em:
https://www.convencaobatista.com.br/site/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 21 nov. 2025.
- **BAPTIST FAITH AND MESSAGE.** *The 1925 Baptist Faith and Message.* [S.l.]: Southern Baptist Convention, 1925. Disponível em:
https://www.nobts.edu/baptist-center-theology/confessions/Baptist_Faith_and_Message_1925.pdf. Acesso em: 23 nov. 2025.